



O POLITÉCNICO

GRÊMIO POLITÉCNICO • ANO LXIX • SÃO PAULO, JUNHO DE 2014 • EDIÇÃO 03



Ponto e Contraponto: Financiamento

PÁGINAS 3

XXX INTERUSP

PÁGINA 4

PRAIA DO FUTURO

PÁGINA 7

HOROSCOPOLI

PÁGINA 11

MILTON VARGAS:
MESTRE E AMIGO PÁG 5

SESSÃO INTERCÂMBIO
PÁG 6 E 7

DEBATE DA AMÉRICA LATINA PÁG 8

UNIVERSIDADE ABERTA
À TERCEIRA IDADE PÁG 8

ZUERO ENTREVISTA PÁG 9

HISTÓRIAS DE UM AMIGO
MEU PÁG 9 E 10

COPA DO NABO PÁG 10

EDITORIAL

O primeiro final de semestre dos bixos chegando e, com ele, percebemos tudo que acontece de bom e de ruim. Por um lado, as férias estão aí, batendo na porta. Por outro, os trabalhos devem ser entregues, as provas finais devem ser feitas, as SUB's também (e por que não as REC's, não é mesmo?).

A impressão que fica é de que o ambiente universitário da Poli é muito hostil, mas na verdade essa é uma ideia errada. A Poli é um lugar para pessoas que conseguiram se livrar do peso de ser uma eterna criança e agora são adultas o suficiente para enfrentar os problemas próprios e poder crescer. Se você está enfrentando problemas e não consegue achar soluções para eles

aqui dentro, não existe momento mais oportuno do que esse para usar seu espírito engenheiro.

Nessa edição vocês vão encontrar o famoso Horoscopolí, o Politreco, matérias sobre diversos assuntos e também dois textos contrapondo um ao outro no tema que está presente em tudo hoje em dia: a questão financeira da USP.

Por fim, pedimos a todos os alunos que tomem MUITO CUIDADO ao andarem à noite pela USP. A situação atual não nos permite ser tão livres quanto queríamos aqui dentro da CUASO, dado que os assaltos, roubos, furtos e até sequestros só aumentam. Enquanto nenhuma medida efetiva for tomada para resolver o problema, pedimos a todos a máxima cautela.

EXPEDIENTE



O POLITÉCNICO

São Paulo, Junho de 2014 - Ano LXIX - Edição 3

Editor Chefe: Fernando de Aguiar

Equipe Editorial: Breno Meirelles, Bruno "Novelo", Bruno Pereira, Bruno Soiti, Diego Andriolo, Felipe Marins, Fernanda Irokawa, Jean Michel, Marjorie Samaha, Nádia Coelho e Pamella Arakaki.

Tiragem 1.000

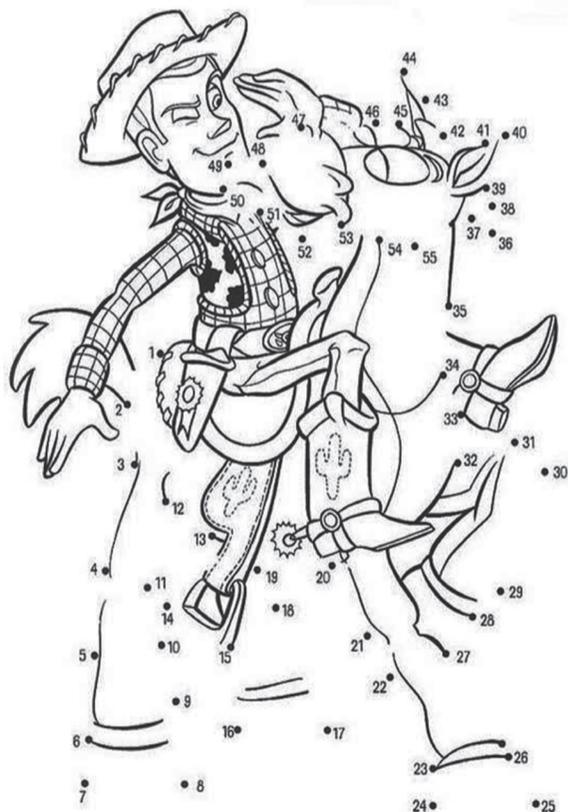
Contato: jornalpoli2013@googlegroups.com

Diagramação: Paulo Saad - pcsaad@gmail.com

Impressão: Volpe Artes Gráficas - 94101.8448

Os textos aqui publicados refletem unicamente a opinião de seus autores e não da equipe editorial ou do grupo responsável pela publicação!

LIGUE OS PONTOS



SUDOKU

			8				7
						3	
			7		4	8	5
	9			3		5	7
		4	5			2	
		1		7		9	
2		9					6
			3	2			
	8	3				1	

Gestão Grêmio Politécnico 2014

Presidente:
André Simmonds (Guile)

Vice-Presidente:
Gabriela Melo (Judith)

Diretor Geral:
José Henrique L. Silva (Humpt)

Diretoria Administrativa:
Victor Ortega (Fáisca)
Lucas Liupekevicius (Montanha)
Lucas Tonim (Tonim)

Diretoria Financeira:
Gabriel Carreta (Bino)
Eduardo Raya (Raya)

Diretoria Jurídica:
Eduardo Raya (Raya)

Diretoria Acadêmica:
Denise Brunoro (Olla)
Vanessa Garcia (Vagalf)

Diretoria Acadêmica de Santos:
Rogério Alves Rosa Jr. (Jamil)

Diretores de Projetos:
Gustavo Fráguas (Xis)
Ivan Kobal (Y)

Diretores de Eventos:
Felipe Romeu (Hooligans)
Luccas Moita (Moita)

Diretoria Cultural:
Julia Dalmolin (Ju')

Diretoria de Espaços:
Pedro Petrof (Pedrinho)

Diretoria de Comunicação:
João Casari (Meloso/Criado)
Matheus Lourenço (Lourenço)
Pedro Petrof (Pedrinho)
Fernando de Aguiar (Dagol)

Diretor d'O Politécnico:
Fernando de Aguiar

Diretor do Cursinho:
Silvio Corgnier


PONTO E CONTRAPONTO

Universidade: Ciência Pura ou Aplicada?

Embora existam exemplos de pesquisa tecnológica bem sucedidas em alguns ramos da indústria nacional, como a petrolífera de profundidade e a aeronáutica, olhando o setor como um todo verifica-se que o investimento das nossas indústrias em pesquisa e desenvolvimento de tecnologia de ponta está muito aquém das necessidades. Isso gera uma grande distorção na produção científica e tecnológica do país, pois acaba-se empurrando exclusivamente para as universidades a responsabilidade de uma tarefa que deveria ser majoritariamente da indústria: a produção de ciência aplicada, que é um outro nome para tecnologia.

A universidade pública tem por meio da sua dotação orçamentária pública uma independência criativa de produção de pesquisa que é fundamental para o desenvolvimento da ciência e de tendências que se consolidam na sociedade apenas no longo prazo, dentre muitas pesquisas iniciadas poucas chegam a trazer resultados concretos para a sociedade, esse mecanismo não se enquadra nos interesses do mercado e por isso é fundamental para a sociedade que a universidade, essencialmente a pública, deva ter exatamente esse papel.

Ainda que o país seja um produtor médio de conhecimento, está defasado quanto a patentes, ao se referir à políticas de incentivo à inovações o vice-reitor da USP, Vahan Agopyan comentou: “Não conseguimos transformar pesquisa em inovação, que é essencial para o desenvolvimento. Aí entra o setor produtivo”.

Se por um lado a universidade deve ter a função de fazer a pesquisa da ciência chamada pura por outro também deve contribuir para a pesquisa aplicada (não sendo sua responsabilidade), nada melhor nesse caso do que não desperdiçar verbas públicas e abrir o

mercado privado para fazer seus investimentos. Lembrando que esse é um papel secundário e complementar da academia mas essencial pois consegue agregar as melhores cabeças que ultrapassam a barreira do limite do conhecimento com as necessidades atuais do mercado, que se torna o responsável pelo financiamento.

É necessário, ainda, descobrir formas para alavancar o desenvolvimento social, possibilitando que o conhecimento tecnológico e científico beneficie a população e lhe garanta melhores condições de vida. Assim, uma das formas em que a tecnologia atenda ao interesse social, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida é a unificação do potencial criativo da universidade com a realidade do mercado. As pesquisas criadas em parceria com o mundo privado trazem para a universidade dentre outros benefícios, melhorias na infraestrutura, equipamentos e conhecimento da realidade do mercado e da sociedade. Nesse tipo de parceria a universidade e seus profissionais ganham um papel de se aproveitar do dinheiro e dos benefícios externos e zelar para que esses ganhos se transformem em pesquisas voltadas para o desenvolvimento social.

No longo prazo é imperativo que o Brasil caminhe para uma distinção do que é geração de ciência e do que é geração de tecnologia, de forma que se criem instituições públicas ou privadas com uma clara responsabilidade da sua função de geração de tecnologia aplicada. Dessa forma a universidade, principalmente a pública, poderá focar seus esforços no seu tripé: ensino, pesquisa e extensão, sendo um complemento para a geração de tecnologias mas não tendo a responsabilidade dessa produção.

Arthur Holzacker

Um debate premente para a USP

Ainda há pouco, em carta endereçada a toda a comunidade USPiana, o reitor Marco Antônio Zago nos alertava sobre a grave situação econômica da USP, a maior universidade do país. Sua reserva financeira, que há menos de dois anos somava quase R\$ 3,5 bi, hoje já se encontra corroída a pouco mais de R\$ 2 bi. Para Zago, o principal agravante da crise seria a folha de pagamentos da universidade, que já corresponde a mais de 100% do seu orçamento, de modo que nem mesmo as medidas de austeridade por ele anunciadas serão capazes de estancar a sangria da reserva. O reitor, no entanto, ao se deter unicamente ao arquétipo do arrocho financeiro, que tanto compromete as atividades acadêmicas, abstém-se da responsabilidade de reconhecer aquilo que está no cerne dessa crise: o processo de subfinanciamento por que tem passado a USP e a urgente necessidade de maior aporte de recursos na universidade.

Diante desse vácuo propositivo, diversos atores sociais, muitas vezes externos à universidade e totalmente estranhos às atividades de docência e de pesquisa, põem-se a defender a adoção de fontes de financiamento alternativas para a USP, quase sempre de cunho privatista e nocivas à autonomia universitária. Munidos de suas empoeiradas cartilhas neoliberais, setor empresarial, editoriais de jornais, revistas e consultores econômicos multiscientes logo reaparecem com o velho discurso do financiamento privado na universidade pública. Por meio dele, não apenas empresas, mas também partidos políticos, organizações religiosas e diversos outros setores da sociedade, na condição de entidade privada, estariam plenamente habilitados a aplicar recursos na universidade.

Acontece que, diferentemente da BM&F Bovespa, a USP, enquanto uni-

versidade pública que é, expressa em seu meio acadêmico a luta de classes, as correlações de forças, os conflitos e os interesses que permeiam os mais variados segmentos da sociedade civil. De tal modo que delegar apenas aos setores hegemônicos o poder – e não a obrigação regulamentada – de financiá-la significa atentar contra o caráter universalista de uma das poucas instituições verdadeiramente sociais que ainda subsistem.

O que esperar, por exemplo, da pesquisa produzida por uma universidade financiada por empresas como Monsanto ou como Souza Cruz? Por outro lado, que organizações abrirão o caixa projetos que eventualmente contradigam seus interesses nos campos econômico, político ou ideológico? Como sendo uma das áreas mais vulneráveis nesse modelo privatista de financiamento, a pesquisa acadêmica tenderia a assumir viés cada vez mais mercadológico e subserviente aos interesses do capital, em detrimento de projetos de interesse popular ou que não possam ser economicamente apropriáveis pela iniciativa privada.

Outro ponto continuamente desprezado nesse imbróglio diz respeito à diferença de atratividade econômica entre as diversas áreas da ciência, o que acabaria por implicar o subfinanciamento daquelas que não estiverem minimamente associadas às dinâmicas de mercado. Mas não se pode negar, por outro lado, que tal processo de financiamento seletivo e de apropriação privada da produção científica já se encontra em pleno avanço na USP, onde fundações e empresas conveniadas têm cada vez mais arbítrio sobre aquilo que é produzido na universidade. Como não recordar, por exemplo, as palavras do professor politécnico Antonio

Continua na página 04



Brinati, que, numa roda de conversa com estudantes em 2013, lamentou o fracasso do projeto de se criarem grupos de pesquisa focados nos diferentes problemas de engenharia que afligem a população paulista? Essa sua proposta, então apresentada em conselho da Politécnica, fora deliberadamente rejeitada por seus pares, justamente por não haver fontes de recursos interessadas em temas como saneamento ambiental, mobilidade urbana ou déficit habitacional na cidade de São Paulo.

Mas, com tantas ameaças à autonomia universitária e à independência da

pesquisa acadêmica, como reagir diante de tantos recursos privados ao alcance da USP, sobretudo nesse cenário de crise que a universidade atravessa? Recusá-los e sugerir que cada uma dessas empresas continue aplicando seus excedentes em laboratórios privados ou na especulação financeira? Certamente não.

Talvez seja este o momento ideal para que a comunidade uspiana, a partir da situação de pré-insolvência em que se encontra, dê início a um debate social de relevância ímpar: o debate da Reforma Tributária, imprescindível não apenas à Educação, mas também

a tantos outros serviços públicos que hoje carecem de investimento. A saber, a USP hoje é mantida por recursos oriundos do ICMS paulista, imposto regressivo, que incide, sobretudo, nas camadas sociais mais baixas; camadas essas que, além de não terem acesso às cadeiras da universidade, pouco se apropriam do que ela de fato produz.

Somente por meio de uma tributação progressiva, que onere os setores mais hegemônicos da sociedade paulista, é que a USP terá acesso aos recursos de que tanto necessita para cumprir suas funções. Recursos que

não virão sob a ótica mercadológica e sequiosa de dividendos, mas sim como patrimônio público, administrado pela própria comunidade acadêmica e resguardador da pesquisa e da autonomia universitárias. Por isso, tenho absoluta certeza de que todos aqueles que concebem a USP como uma universidade pública, comprometida com o progresso da ciência e com o desenvolvimento social – e não como um mero ativo financeiro – não fugirão a esse debate.

Yago Cavalcante

XXX InterUSP

Um dos eventos mais esperados do calendário politécnico vem aí! Entre os dias 19 e 22 de Junho ocorrerá a 30ª Edição da InterUSP, competição realizada entre as 8 maiores faculdades da USP: Poli, os mestres em servir café com bolachinha da FEA, os nórias da Farma, as já conhecidas e famosas meninas (musas) da Odonto, os despachantes da SanFran, os loucos, pirados, sem noção da ESALQ (USP Piracicaba) e os gatinhos da Medicina Ribeirão.

Essa é sua a chance de defender as cores azul e amarelo da nossa amada Escola, gritar um Guerreiro, puxar um Medicina Ô Bosta (afinal, mesmo sem a Porcada, a zueira não tem limites), entender o verdadeiro sentimento Politécnico apesar de todos os nabos já tomados e, acima de tudo isso, gritar e comemorar no meio da quadra, embaixo de um bandeirão de 540m² após, juntos, atletas e torcida, conquistarmos pela 8ª vez o título da InterUSP. E tudo isso com um Open Breja 24h por dia! A noite teremos duas festas (também open bar), integrando todas as faculdades da competição e a tradicional cervejada no alojamento da Poli. Essa é sua grande chance de fortalecer seu amor pela verdadeira Escola Politécnica,



fazer grandes amizades e ter muitas histórias para contar ao longo da sua graduação, afinal, com já diz o ditado: “Ninguém faz amigos bebendo leite.”!

E se depois de tudo isso, quando você estiver andando na rua, ver um cara com a blusa da Merdicina, ouvir uma voz que vem de dentro de você, um sentimento incontrolável de gritar um “Mediciiiiina! Ô BOS-TA” e entender

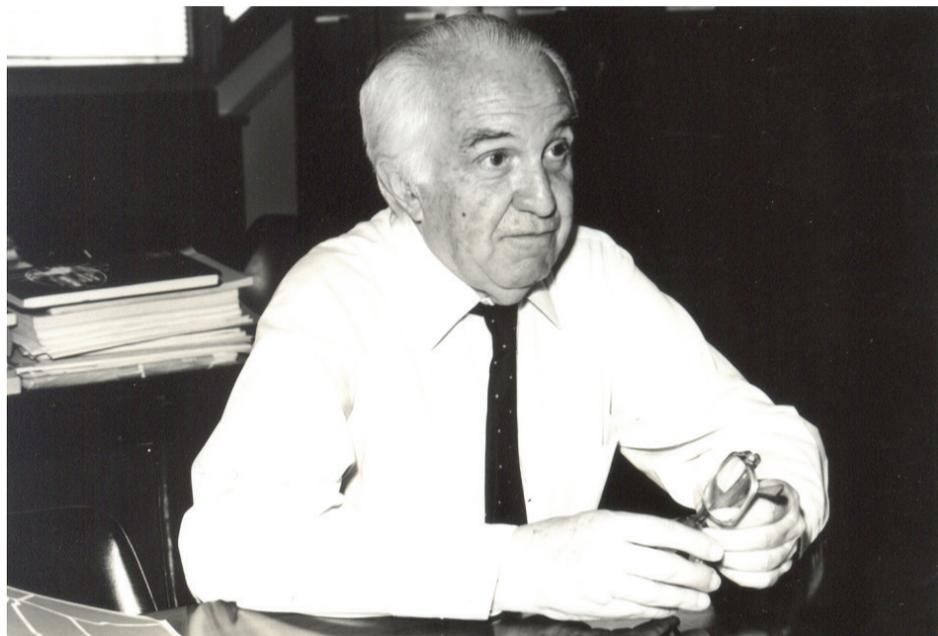
o que a InterUSP fez com você, parabéns, você acaba de entender o que é ter o sangue azul e amarelo!

Nós da Atlético Poli-USP trabalhamos durante todo o ano com esse intuito: fazer com que você, politécnico(a) sintam-se com prazer de ser parte dessa Escola, que apesar de todos os momentos ruins entre aulas e notas, saiba que há uma válvula de escape, seja pra ma-

tar uma aula em nossa sede, praticar algum esporte, fazer novos amigos na modalidade e se ainda sim tiver algo que você acha que ficou faltando, te convidamos a vir na nossa sede, conhecer nosso trabalho e nos ajudar a construir cada vez mais um ambiente melhor para todos os futuros Engenheiros.

AAAP

Milton Vargas: mestre e amigo



Milton Vargas em posição característica, segurando o óculos

Comemoramos 100 anos do nascimento de Milton Vargas (1914-2011). Desde 1963, o Centro Acadêmico da Engenharia Civil (e Ambiental) homenageia esse Professor Emérito da nossa Escola. Vale a pena, pois, dizer algumas palavras sobre esse grande Mestre.

Fui aluno e orientado seu no doutorado (1982-1984), assistente e colega na disciplina de Metodologia de Pesquisa Tecnológica, e, sobretudo, contei sempre com a sua amizade generosa. Neste texto gostaria de compartilhar com as novas gerações de politécnicos as lições de vida que aprendi de seus lábios e de sua vida.

A primeira delas é a *amplidão de horizontes*, a abertura para o todo, que é a essência do saber universitário: superar a visão estreita da especialização meramente técnica. Seu conselho para isso era a formação generalista, por exemplo, através de uma formação filosófica e humanística, que era um dos seus fortes. Na década de 1960 ele criou um verdadeiro Departamento de Humanidades na Escola e lecionou Filosofia da Ciência e da Técnica. Com a Reforma universitária, a disciplina deixou de ser ministrada; através de um desafio que me lançou e do seu apoio constante, voltou a ser implantada na

década de 80 e ministrada por mais de 15 anos. Encerrou-se por falta de espaço na EC2, mas quem sabe algum dia ela volta como eletiva na EC3.

Onde uma porta se fecha, outra se abre: seu Curso de *Metodologia da Pesquisa Tecnológica*, hoje recolhido em livro, era permeado de considerações históricas e filosóficas. Milton pertencia a Instituto Brasileiro de Filosofia e me levou para lá. Outro livro seu é o *Para uma Filosofia da Engenharia*, que recolhe uma série de ensaios sobre Matemática, Física e Engenharia. O mais importante deles é o último: *O Logos da Técnica*, em que descreve a essência da Engenharia: uma Técnica que decorre de um Logos, de uma Teoria: a Engenharia é Ciência, mas aplicada. Assim, o cálculo e a física devem ser instrumentos e os professores devem ensinar a entender os fenômenos, procurar as relações de causa e efeito, para depois montar os modelos físicos e matemáticos que permitem resolver o problema.

A segunda lição é o *pensar por conta própria*. Num primeiro momento, o aluno aceita sem muita crítica os ensinamentos do professor; é a fase do *Magister dixit* (o mestre falou e isso é a verdade). Mas logo, deve-se aprender a andar com as próprias pernas, enten-

der o problema, montar os modelos, verificar sua validade e procurar soluções. Isso é particularmente interessante para não aceitar, sem mais, modelos desenvolvidos para outros países; pelo contrário, trata-se de olhar criticamente essas soluções e aproveitar o que se considere interessante. O professor Milton, que fez o mestrado em Harvard, dava muitos exemplos na sua área de atuação, a Mecânica dos solos, em que se importavam modelos da Califórnia, que não se aplicam às nossas argilas.

A terceira lição é *ir ao essencial sem perder-se no detalhe*. Pude comprovar isso durante o processo de orientação. Minha tese era sobre Modelos digitais do terreno em microcomputadores, na era em que estes estavam engatinhando. Logicamente o professor Milton não sabia nada de micros, mas entendia muito do processo de orientação e em 3 sessões resolvemos tudo. Na primeira eu lhe posicionei sobre o assunto e ele me indicou que preparasse uma visão geral sobre os diversos métodos de modelagem; na segunda, ao lhe dar uma panorâmica do assunto, ele me perguntou sobre o método que me parecia mais promissor e indicou que eu o estudasse a fundo e propusesse aperfeiçoamentos; na terceira e última ele confirmou que essas melhorias eram significativas e que constituíam uma novidade para ser uma tese de doutorado.

A quarta lição é sobre a importância, não do ensino, mas da *educação em sentido amplo*. Depois de lhe propor um seminário em sua homenagem pelos 80 anos, ele, em sua humildade, acabou concordando, mas com uma condição: que entre os palestrantes estivesse um monge do mosteiro de São Bento. Isso porque o ensino aí ministrado, não só técnico, mas de virtudes e valores, marcou-lhe muito a vida e a solução do Brasil passava por aí. De fato, convidei D. Joaquim Zamith, colega de meu pai na Politécnica. Sua palestra foi muito importante nesse Simpósio e na saída fomos convidados para almoçar no Mosteiro de São Bento, coisa que fize-

mos com muito gosto e que trouxe muitas recordações ao antigo aluno.

A quinta lição, de amizade e de maestria, é saber *lançar desafios*. Já mencionei o desafio de voltar a oferecer a disciplina de Filosofia da Ciência e da Técnica. Outros foram o de escrever, numa obra conjunta, a *História da Engenharia no Brasil*. Coube-me o capítulo da História das rodovias e ferrovias, que com o seu impulso, foi adiante. Uma segunda obra, por ele coordenada de fato, foram os *500 anos de Engenharia no Brasil*, que mereceu o prêmio Jaboti. Escrevi, com suas diretrizes, a História da Engenharia no período colonial.

Os dois últimos desafios referem-se a dois livretos. Disse-me ele, após uma aula sobre Galileu: você não é católico? Esclareça o caso Galileu. Daí nasceu o primeiro folheto; o segundo veio de uma advertência sua: dizem que a Idade Média foi trevas; isso não é verdade, também no que se refere à técnica: foi uma época de intensa e febril criatividade e invenções. Consegui vencer esses desafios. E, mais do que isso, aprendi a lançar e superar outros desafios.

Finalmente, as suas *lições de vida*: humildade (apesar de seus grandes feitos, prêmios e reconhecimentos), amizade (apesar da nossa diferença de idade e de conhecimentos), serenidade perante as dificuldades, capacidade de enfrentar problemas novos e uma insaciável sede de conhecimento. Certa feita, em sua casa, entreguei-lhe um texto que havia me pedido, para leitura, e ele colocou-o em baixo de uma pilha enorme de papéis. Vendo minha estranheza, esclareceu: isso são as minhas leituras pendentes, pela ordem.

Bom, fico por aqui. Muito poderia ser dito, mas o que ficou escrito pode ser uma ajuda para todos nós.

Jorge Pimentel Cintra
Departamento de Engenharia de
Transportes

A pedido de Fernanda Irokawa
Engenharia Civil - 1º Ano

Sessão Intercâmbio

País de hoje: Alemanha

Para estrear a nossa sessão de entrevistas com intercambistas, o Jornal O Politécnico convidou a estudante Karen Chen, que atualmente faz intercâmbio na Alemanha, para esclarecer algumas dúvidas, que são comuns a todos os politécnicos que planejam estudar fora durante a graduação. Aproveitem esse especial de entrevistas para esclarecer dúvidas, conhecer os programas de intercâmbio e entender como funciona o processo seletivo para os mesmos. Não percam as próximas entrevistas!

1) Karen, em que país você está estudando e há quanto tempo você está aí? A sua escolha por estudar aí teve alguma motivo especial?

R.: Eu estou na Alemanha desde janeiro de 2014 e ficarei até meados de agosto. Meu plano inicial era fazer o intercâmbio do CSF por um ano em um país cuja primeira língua fosse o inglês, pois eu queria aprimorar minhas habilidades comunicacionais neste idioma e não me sentiria confortável em assistir a aulas em qualquer outro. No entanto, o fato de eu não ter feito o novo Enem me obrigou a procurar por outras oportunidades e, assim, me restava o duplo diploma, o qual não era do meu interesse por motivos linguísticos e pessoais, ou os programas de intercâmbio da USP.

2) Então por qual programa você foi? É algum específico da Poli?

R.: Estou fazendo o intercâmbio pelo programa de bolsas de Inovação e empreendedorismo da USP, cujo órgão responsável é a Agência USP de inovação. É um programa relativamente novo (acho que tem uns dois ou três anos no máximo) oferecido a alunos que foram aceitos para trabalhar em qualquer instituição no exterior (universidade ou empresa).

3) Como foi o processo de inscrição? Você acha que o desempenho acadêmico é muito decisivo nesse programa?

A inscrição nesse programa de bolsas da USP pode ser feita por dois processos: o primeiro e mais difícil consiste em apresentar uma carta de aceitação

de uma instituição e outros documentos como proficiência na língua, histórico escolar, carta de motivação e de recomendação. Neste caso você precisa primeiro ser aceito pela empresa ou universidade onde você quer trabalhar para depois poder concorrer à bolsa.

A segunda possibilidade, que foi o meu caso, é passar pelo processo seletivo da Business Plan Competition (BPC), competição internacional de Business Plan realizada entre alunos da USP e de outras universidades internacionais e, assim, garantir pelo menos dois meses de bolsa, e, se houver interesse, estender a bolsa para no máximo seis meses. A vantagem desse processo é que se você for aceito para participar da competição, a bolsa é praticamente garantida, já que a Agência USP Inovação separa uma determinada quantidade de bolsas para este tipo de atividade. Contudo, para isso, é preciso passar pelo processo de seleção da competição, o qual consiste em análise de histórico acadêmico, média poli com reprovações, certificado de proficiência em inglês, dinâmicas de grupo, texto sobre inovação em inglês e entrevista em inglês com os professores da USP responsáveis pela seleção dos participantes no determinado ano.

Vale ressaltar também que, com as atuais mudanças e incertezas nos programas de bolsas da USP, pode ser que tenham alterações nos próximos anos. Para este ano, posso garantir que o único fator importante do desempenho acadêmico levado em consideração foi a quantidade máxima de reprovações.

Após a competição, que tem duração de aproximadamente dez dias e que foi sediada pela Universidade de Bayreuth na Alemanha, o aluno da USP é obrigado a trabalhar pelo período referente à sua bolsa. Neste ano, era necessário estagiar em alguma instituição alemã, pois a USP inovação exige que todo o período da bolsa englobe um só território (ou seja, não é possível que o aluno participe da competição em um país e depois estagie em outro). A maioria dos participantes estagiou na Universidade de Bayreuth (anfitriã do



BPC) pelo período de dois meses (janeiro a março) e voltou ao Brasil para continuar seus respectivos cursos. Eu trabalhei por um curto período na Universidade de Bayreuth e depois me mudei para Stuttgart para estagiar na Bosch, completando o período de seis meses de bolsa. Para a extensão da bolsa, foi necessário apresentar uma carta de aceitação da empresa dentro de um prazo determinado pela Agência USP, que é normalmente mais de um mês antes do início do BPC.

4) Foi necessário saber o idioma do país? Ou inglês foi suficiente?

Como a competição é realizada entre universidades de diferentes países, Universidade de São Paulo, *Universtät Bayreuth*, *Hong Kong University of Science and Technology* e *University of Illinois*, o conhecimento em inglês foi o único idioma exigido para participar do programa e para estender a bolsa.

5) Quando você voltar, poderá pegar equivalência dos créditos?

Quando eu voltar, apenas posso pedir equivalência dos créditos de trabalho.

6) Tendo essa experiência internacional, você acha que o curso de engenharia nos outros países difere muito do da Poli?

Durante a competição, nós conhecemos alunos de diferentes cursos e universidades e, assim, foi possível comparar a engenharia da Poli com a de outros países. Como eu não estou cursando nenhuma

disciplina, não consigo comparar grade curricular ou aulas, mas há vários outros pontos contrastantes que posso comentar.

Primeiro, o curso da Poli é certamente o que possui a maior duração. Nas outras universidades o curso de engenharia é de três ou quatro anos e depois se pode cursar pós ou master. Em Hong Kong e na China, muitas universidades oferecem e incentivam a dupla graduação, sendo possível, em cinco anos, um aluno se formar em engenharia e direito, por exemplo.

No caso da Alemanha, os cursos são divididos em bachelor (3 anos) e master (2 anos), o que possibilita a escolha de uma especificação e aprofundamento em uma área, a qual pode ser um complemento (ao invés de continuação) do seu bachelor. Isto é, pode-se cursar engenharia e depois escolher *um master em business ou technology*, por exemplo, sendo que essa estrutura curricular alemã substituiu a antiga de cinco anos. Para mim, isso mostra quão ultrapassada é a estrutura curricular da POLI. Eu já esqueci a quantidade de vezes em que eu precisei explicar que minha graduação é de bacharelado, mas que abrange muito mais que o *bachelor* da Alemanha e, mesmo assim, depois dos cinco (ou mais) sofridos anos, não somos considerados "*masters*". Isso reduz a competitividade dos politécnicos no mercado internacional na minha opinião. Além disso, a interdisciplinaridade e maior liberdade das estruturas dos cursos das outras

INTERCÂMBIO



universidades é extremamente vantajosa. A Poli está tentando aprimorar esse aspecto com a EC3, mas mesmo assim ainda estaremos muito atrás.

Outra característica interessante dos cursos na Alemanha é a exigência de se realizar estágios ou outros programas corporativos como o *pre-master* durante o *bachelor* e antes do *master*. Assim, experiência profissional não é adquirida somente no final da graduação. Para isso, os estudantes possuem em geral seis ou mais meses SÓ para a realização do estágio, ou seja, nada de fazer malabarismo com as aulas e o trabalho (você pode trabalhar

enquanto estuda, mas um período do ano é separado apenas para o trabalho).

7) Quais estão sendo os grades aprendizados dessa experiência?

Como qualquer intercâmbio, a troca cultural com pessoas de diferentes países é extremamente enriquecedora, pois você aprende a lidar com diferentes costumes, a se expor mais, a aprender e a compartilhar ideias e experiências, a encarar o cotidiano e os pequenos problemas de outra forma, enfim, a lista de vantagens vai longe.

Sobre o estágio mais especificamente, acredito que estou aprimorando minha

comunicação em inglês (porque alemão está difícil ainda), além de estar adquirindo experiência em um ambiente profissional no exterior, especificamente na cidade que deu origem a grandes multinacionais como Bosch, Mercedes e Porsche.

8) Quais são as vantagens e desvantagens desse intercâmbio comparado a programas como o CSF?

Apesar de eu não ter feito o CSF, muitos amigos já participaram desse programa e, portanto, posso fornecer uma breve comparação dos dois tipos de intercâmbio. Inicialmente, esse programa da USP te oferece a bolsa, mais nada. Isso significa que você é responsável por procurar o estágio, a moradia, o plano de saúde, o visto e qualquer outra coisa que precisar. Eu tive muitos problemas com visto e moradia, então havia momentos em que eu começava a chorar e a pensar aonde eu havia me metido. Nesse ponto o CSF é muito melhor, já que depois de fornecer os mil documentos à Capes, você tem praticamente tudo entregue (geralmente). Por outro lado, eu aprendi a me virar, correndo atrás de imobiliárias e de sites de

moradia, indo ao órgão de estrangeiros uma, duas, dez vezes.

Outro aspecto a se considerar é que com o CSF você estuda em uma universidade no exterior, o que oferece uma gama de outros estudantes, de programas extracurriculares e de grupos universitários. Fazer novas amizades é muito mais difícil quando se está sozinho numa cidade completamente estranha. Mas isso também te obriga a sair da sua zona de conforto e a procurar diferentes maneiras de conhecer novas pessoas e de se envolver em diferentes atividades.

Por fim, acredito que qualquer tipo de intercâmbio é extremamente enriquecedor, não importa a escolha que você faça. Toda a minha experiência está sendo incrível, desde o Business Plan Competition até o estágio na Bosch. O único porém é que o tempo é curto demais...

Diego Andriolo

4º ano - Engenharia de Minas e correspondente especial da Hungria

CINEMA

Praia do Futuro

A produção audiovisual brasileira vem surpreendendo-nos cada vez mais com filmes super diversificados e de ótima qualidade. É incrível ver o cinema nacional se expandindo do modo como está e recebendo reconhecimento nos mais diversos festivais internacionais. Um exemplo super próximo e fantástico é o binacional *Praia do Futuro*, que, apesar de ter sido feito parte na Alemanha, carrega a cara do Brasil tanto no título quanto na atuação maravilhosa do Wagner Moura e do Jesuíta Barbosa.

O filme é centrado em apenas três personagens; Donato (Wagner Moura), Ayrton (Jesuíta Barbosa) e Konrad (Clemens Schicks), e se destaca muito pelo lirismo poético, sendo que a direção de Karin Aienouz fez um ótimo trabalho em passar sentimentos e sensações por meio de uma trilha sonora super expressiva

e uma fotografia encantadora. De fato, o roteiro e os diálogos deixam um pouco a desejar, mas a mensagem de buscar o autoconhecimento, de tomar riscos e deixar-se levar por novas aventuras é muito bem expressa pelas imagens em perspectivas; o filme é uma grande paisagem que mostra com sensibilidade tudo que fica subentendido nas falas sucintas.

É verdade que houve imperfeições, contudo, o que fez com que a aceitação do público nacional fosse extremamente negativa não foi a técnica, mas sim a abordagem da homossexualidade. O relacionamento gay é trazido de forma bastante natural, talvez até secundária; a opção sexual do casal protagonista não é, em nenhum momento do filme, destacado ou tratado de forma delicada. Muito pelo contrário, os capítulos mostram cenas cotidianas, de discussões e de sexo que, aparentemente,



foram motivo de alguns espectadores deixarem a sala de cinema.

É triste ver que apesar do avanço no audiovisual, nossa sociedade ainda se posiciona de forma tão hostil a temas que fogem do conservadorismo. O extremo da reação coletiva foi a ponto de porteiros serem orientados a avisar na entrada que o filme conteria cenas de sexo gay e carimbar os ingressos com marcas de 'avisado'. Os atores também

estão sentindo efeitos da não-aceitação, e inclusive Wagner Moura fez críticas ao Brasil de hoje; é lamentável ver que os valores da nossa sociedade são tais que um personagem agressivo e extremamente violento é aceito e aclamado, enquanto outro sensível e gay é intolerável e antiético.

Nádia Coelho Pontes

Engenharia Civil e Ambiental - 1º ano

Debate da América Latina

Neste ano, que marca os 50 anos do início da ditadura militar no Brasil, o Grêmio Politécnico organizou uma série de eventos que ocorreram nos dias 8 e 9 de Maio. No primeiro deles, contamos com a presença de Flávio Morgenstern, blogueiro do site 'implicante.org', e de Igor Fuser, professor de Relações Internacionais da UFABC, num debate sobre América Latina e Atualidades. Primeiramente é bom salientar a importância da presença do debate de temas sensíveis como esses no meio universitário, num ambiente aonde o estudante possa ouvir as mais diversas opiniões para assim formar a sua própria. Em segundo lugar, todo o debate foi gravado e pode ser encontrado no youtube em um vídeo de mais de 2 horas de duração (Debate Flávio Morgenstern x Igor Fuser). Apesar da baixa plateia no anfiteatro da Administração, o vídeo já possui mais de 14 mil visualizações, o que demonstra que pelo menos no meio virtual a presença de espectadores foi/esta sendo maciça. E essa é uma tática que deveria ser usada sempre que possível e permitido pelos palestrantes e debatedores, afinal, muitos dos interessados talvez não tenham a dis-

ponibilidade de assistir o debate ao vivo.

Em um debate de ideias quase que diametralmente opostas era até esperado que ele 'pegasse fogo', e nesse sentido ele não desapontou. Os dois convidados puderam expor suas opiniões de uma maneira contundente e quase em todas as falas houve um embate de ideias. No início, ao serem perguntados da importância de se estudar a ditadura, o professor Igor Fuser pontuou que não existe democracia nem pluralidade nos meios de comunicação, enquanto que Flávio Morgenstern percebe que ainda respiramos muito a ditadura, e que seus personagens ainda estão presentes no poder no Brasil. Ao longo do debate o pensamento diametralmente oposto entre os debatedores foi se evidenciando ainda mais. Para o professor a economia brasileira é verdadeiramente capitalista com um pensamento único conservador e direitista, já para o blogueiro há uma carga tributária elevadíssima e o pensamento de controle estatal da economia ainda permanece, com o pensamento progressista crescente e a presença de blogs patrocinados por empresas estatais.

Quando o assunto chegou na Venezuela o professor acredita ser benéfica a sua

parceria com o Brasil, que conta com uma política externa que prioriza a integração sul-americana, e dizer que a Venezuela é ditadura é uma bobagem, onde os opositores depredam o patrimônio público. Para Flávio a Venezuela ainda não é totalitária, mas sim autoritária, onde as forças Chavistas acompanhavam os votantes na urna, e citou o fato da família Chavez ser milionária, além de Caracas ser violentíssima. Ao que o professor rebateu citando Jimmy Carter, o qual atestou que as eleições venezuelanas são as mais seguras do mundo, e o governo venezuelano foi eleito para distribuir as riquezas do petróleo. E aqui pudemos ver um ponto máximo de discórdia entre os debatedores, no qual Flávio diz que há racionamento de alimentos na Venezuela, enquanto que o professor Igor diz que não existe fome lá. Talvez esse seja um ponto para o próprio aluno pesquisar e tirar suas próprias conclusões (assim como todos na verdade).

Outro assunto central no debate foi a Petrobras. Flávio lembrou o fato da estatal de despencado da 12ª para 120ª lugar no ranking das empresas, na qual o professor rebateu dizendo que a Petrobras é referência mundial em exploração de



petróleo. Durante o debate tiveram diversos assuntos nos quais um discordava totalmente da opinião do outro, como Comissão da Verdade, Reforma Agrária e o Programa Mais Médicos.

Mesmo com um breve resumo contido nesse texto, no qual não expus minha opinião em nenhum desses temas discutidos, recomendo fortemente que você assista ao vídeo do debate que se encontra facilmente no youtube, como citado acima. Reitero que é extremamente importante que você forme a sua opinião, pesquise sobre o assunto, ouça os mais diversos pontos de vista para assim não ser influenciado por essa ou aquela pessoa/ideologia.

*Bruno Pereira -
Engenharia Ambiental*

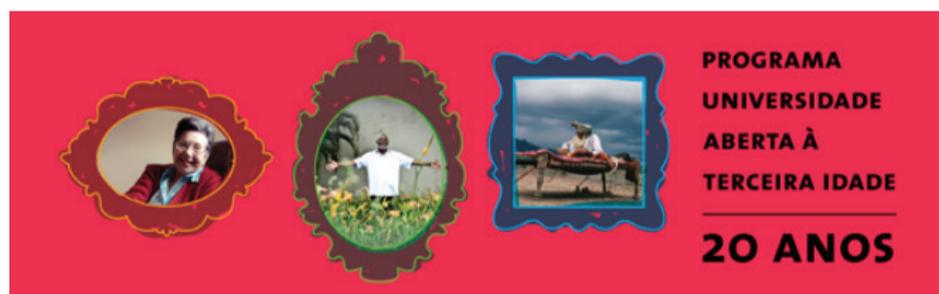
Universidade aberta à terceira idade

Se ele ensina história, será em face de alguém que viveu os fatos estudados e deles é testemunha. Se fala dos astros, será em face de alguém que, ainda antes de ele ter nascido, interrogava as estrelas. Se ele descreve transformações urbanas, será em face de alguém que sofreu intensamente tais mudanças. As lembranças dos velhos moradores vão pontilhando com a luz da memória cada recanto, cada bairro da cidade."

Para aqueles que acreditam ainda no estereótipo de que apenas os jovens frequentam o ambiente universitário, o jornal O Politécnico apresenta o programa Universidade aberta à terceira idade, uma iniciativa da USP que traz

para o cotidiano acadêmico pessoas mais velhas, que acreditam que a idade não é um impeditivo para aprender e expandir ainda mais os horizontes. O programa completa, em 2014, vinte anos e tem como objetivo não apenas possibilitar ao idoso o aprofundamento de conhecimentos em alguma área de interesse, mas também estimular a troca de experiências entre gerações, sendo esse um grande aprendizado, principalmente para nós, mais jovens.

O programa já teve mais de 100 mil alunos e permite que os idosos frequentem disciplinas de cursos de graduação e participem de atividades físicas e culturais nos campi da USP da capital, Bauru, Lorena, Piracicaba, Pi-



rassununga, Ribeirão Preto e São Carlos. São aproximadamente quatro mil vagas distribuídas em 480 atividades, como história da arte, música, princípios de administração ou economia. Ciclos de palestras, oficinas de artesanato, pintura e dança também fazem parte das atividades oferecidas. No que se refere ao ambiente politécnico, os

ingressantes podem participar de 46 disciplinas, como Mecânica dos Solos, Sistemas Prediais, Introdução à Economia, Termodinâmicas e até mesmo Mecânica dos Fluidos.

*Marjorie Samaha
Engenharia Civil - 4º Ano*

Zuero Entrevista

Nesta edição, temos a entrevista de Zuero com Carol, a simpática tartaruga da civil (daquelas que ficam no laguinho), que vai nos contar tudo sobre sua experiência de mais de 100 anos aqui na Poli entre outras coisas. A ideia da entrevista com Carol surgiu da importância dos debates trazidos pelos fatos recentes ocorridos na USP, como a crise financeira, a greve etc e tal. Afinal todo mundo sabe que tartaruga, greve e crise financeira têm tudo a ver.

Antes de começar a entrevista, gostaríamos de fazer um breve histórico de nossa ilustre entrevistada. Carol seguiu a mesma trajetória de todos os que se tornam tartarugas. Como todos sabemos, a ascensão na hierarquia da USP pode ser resumida assim: um professor é promovido a professor titular, depois promovido a diretor de algum curso, depois vende a alma pro governador então é promovido a reitor e depois promovido a tartaruga. X reitor (tá bom parei), depois de ser reitor, vira tartaruga, como Carol, e vai pro paraíso. Pois o que é o paraíso senão ficar o dia inteiro nadando num laguinho, tomando sol na pedra, vendo os projetos de PCC darem errado todo ano e fumando narguilé c'o pessoal do CEC? Se você tem alguma dúvida, basta observar a felicidade com a qual as tartarugas nadam naquele laguinho, elas tão feliz pra cara-

lho, dá até vontade de pular lá dentro e ficar nadando lá com elas.

Zuero: Primeiramente bom dia Carol. Segundamente obrigado pela entrevista. Como pergunta inicial, eu gostaria de saber: quanto a USP te paga pra ficar aqui nadando?

Tartaruga Carol: Como eu tive acúmulo de cargos e somei muitos quinquênios, eu faço R\$45.291,99 livres por mês, fora os benefícios (veterinário, comida, viagem pra Galápagos pra visitar os primos tudo pago pela USP).

Zuero: Mas tendo em vista a situação financeira da USP, você não acha que esse salário é muito grande? Quer dizer, é maior que o do governador?

Tartaruga Carol: Muito simpático o governador, conheci ele quando éramos jovens.

Zuero: ...Tá, mudando um pouco de assunto, como você se diverte aqui na USP?

Tartaruga Carol: Eu me divirto muito aqui, eu visito minhas amigas carpas lá no PMI, eu assisto os projetos de PCC darem errado todo ano, eu organizo bingos, eu me embriagava com minhas amiguinhas nas baladinhas quando jovens, mas isso já faz tempo.

Zuero: Voltando a questão dos salários, o que você acha sobre a greve

que está acontecendo na USP?

Tartaruga Carol: Eu sou totalmente contra a greve, acho que a USP já paga um salário muito alto ao funcionário e é a isso que se deve a crise financeira da Universidade, além do mais, se o funcionário quer um salário maior, deveria investir em sua formação e não ficar reclamando em assembleias. E se a greve durar demais, vou ter que repor meus dias em que faço nada nado nas férias e eu já tenho viagem marcada para Galápagos, isso sem falar que se os funcionários estiverem em greve, quem vai trocar a água do meu laguinho?

Zuero: ...Muito peculiar o seu ponto de vista, ele me parece recorrente em alguns lugares. Você citou as assembleias, você frequenta as assembleias?

Tartaruga Carol: Não, não, é muita confusão lá, e tem umas pessoas bêbadas lá também e eu não gosto disso.

Zuero: (:) Certo, agora, observando o panorama ambiental, o que você acha sobre a escassez de água que há em São Paulo?

Tartaruga Carol: Acho muito ruim, por causa disso estão desligando minha cachoeirinha à noite.

Zuero: Expandindo ainda mais a temática da nossa entrevista, gostaria de saber sua opinião sobre o

grande evento esportivo que está se aproximando, você já sabe do que está falando? Certo?

Tartaruga Carol: Claro, é do Interusp que você está falando!

Zuero:...nn

Tartaruga Carol: Na minha época, eu competia em velocismo pela Poli.

Zuero: Ah, então você era da Poli! Bom, eu gostaria de continuar a entrevista aqui, mas o segurança tá vindo aqui com um cassetete ele deve estar achando que fiquei louco conversando com uma tartaruga e represento perigo pra sociedade, achei que eles tavam de greve tbm flw!

NOTA: A equipe editorial agradece o Aluno Zuero pela entrevista e também lamenta sua recente internação no hospital com suspeita de esquizofrenia.

OUTRA NOTA: Se você tem mais de um neurônio na cabeça já deve ter percebido que esta entrevista é fictícia e que reitores não se transformam em tartarugas, que tartarugas não concedem entrevistas e não são reacionárias. Então não julgue os bichim.

Aluno Zuero
12º ano – Engenharia de embalagens

Histórias de um amigo meu

Essa história é verdadeira, e aconteceu com um amigo de um amigo meu. Era começo de semestre, e João, como vamos chamá-lo já estava indo para seu terceiro ano de faculdade.

Descuidado como sempre, João não conhecia todos seus amigos de sala, principalmente aqueles que deveriam assinar a lista pra o pobre herói deste conto. João não era o melhor dos estudantes, era fã da boemia tardia na Poli, onde os jovens futuros engenheiros se unem entre uma aula matada e outra para se deliciar com a boa conversa e

a cerveja, que naquela época, era ponto oficial na Antiga veterinária (Veteranos entenderão).

Mas nosso herói em questão, e sua história, não se baseiam na sua vida fora da classe, mas sim dentro dela, ou o pouco tempo que passou dentro dela.

Em todos os cursos da poli, existem aquelas matérias dentro do seu curso, que são um divisor de águas entre formar-se ou não, essa matéria era uma delas, impossível à primeira vista, os veteranos faziam pela quarta vez, e nosso querido amigo João tinha acabado de começar a tentar entender por que tudo que o pro-

fessor falava era em outra língua.

A primeira prova se aproximava, e enquanto nosso amigo tinha sua frequência diminuída e seus conhecimentos de vida aumentados, seus amigos se matavam de estudar e não perdiam uma aula por nada. Era ano de Copa, e a emoção de montar o álbum de figurinhas não atrapalhava ninguém em seus estudos, afinal, matérias como Cálculo 3 e Numérico (O antigo, aquele que tinha Exercício Programa e talz) não são facilmente vencidas.

João, em sua ingenuidade, teve a audácia de sair com seus amigos um

dia antes da primeira prova, testando todos os limites da capacidade de um ser humano ir bem numa prova, ainda mais numa matéria difícil como aquela.

A ressaca chegou, e junto com ela uma prova que necessitava muito mais do que algumas horas de estudos para ser aprovado. Sua nota chegou 15 dias depois, e tinha o tamanho de uma régua de PCC, 15 partes em 100, vulgo 1,5. Nota a altura de nosso querido herói.

Continua na página 10

Assim que o desespero bateu em seu coração, João correu para a aula que jurou que não perderia, porém era tarde demais, ele já tinha reprovado virtualmente em faltas, não poderia faltar nunca mais se quisesse ser aprovado. Cabisbaixo, ele viu a única pessoa que nunca virava as costas para ele, sua imagem refletida num copo vazio de cerveja.

O ano continua, pensou, um ano de Poli a mais pode até ser interessante dadas suas intenções. A vida pode

ser mais que uma lista de exercício ou uma sala de aula.

Ao fim do semestre, dias depois, nosso herói descobrirá que a vida privilegia os fortes. Aqueles destemidos e sortudos que tem a audácia de sair com os amigos um dia antes da prova. A matéria, que só tinha como método de avaliação três provas de mesmo peso (P1, P2 e P3), das quais duas nosso guerreiro tinha subado, foi adicionada ao JupiterWeb.

O Mundo tremeu, seu olhar quase se foi quando ao olhar o e-mail da ses-

são de alunos viu o impossível acontecer. Ele tinha passado!!! Como senhoras e senhores? Como é possível passar da matéria mais difícil de seu curso apenas indo na P1 e tirando 1,5. Abandonar a matéria e não trancar se tornou um método efetivo de sucesso?

O destino, ou como alguns chamam, Universo, trabalha por meios misteriosos, assim como o JupiterWeb, que transformou o 0.5 de média em 5.0. Sim, o chamado 5 bola apareceu magicamente e nosso herói foi aprovado por

um erro em meio o caminho que sai da nota que o professor entrega para a secretária que adiciona no Jupiter!

Vocês leitores devem estar se perguntando por que eu não mencionei o nome da matéria nem o nome real de João neste texto. Ora, a resposta é simples meus amigos, pois essa história é verdadeira, e aconteceu aqui na Poli, com um amigo de um amigo meu.

Felipe Marins

Copa do Nabo

Todo mundo já passou por aquela dúvida cruel que atormenta durante anos: o que eu quero ser quando crescer? Certo, essa dúvida só ocorre na infância e adolescência, depois se torna um problema real: Qual curso eu me identifico mais? O que eu vou fazer pelo resto da minha vida para garantir o meu sustento? Dinheiro e felicidade, como conciliar? Essas perguntas fazem parte da primeira etapa do processo de virar um profissional.

A segunda etapa também é bem difícil, escolher o instituto de ensino superior para iniciar seu curso. Obviamente não basta escolher, é preci-

so passar por aquele processo desatualizado e sem sentido que usamos desde o início do século passado, o vestibular. Como nem todos são privilegiados, vamos supor que você é um ser de rara inteligência (i.e. "estudei num colégio tradicional") e passou direito do terceiro nas suas opções, apenas para poder ilustrar e exemplificar melhor esse texto. Então, quais perguntas devo responder para chegar numa resposta satisfatória?

Existem muitos fatores a serem levados em consideração, tais como: colocação da universidade em rankings internacionais, que é bem subjetivo, mas pode ser um indica-

dor; reputação da universidade, tanto no meio científico, quanto no mercado de trabalho; infraestrutura das salas de aula, laboratórios e bibliotecas; convênios com universidades internacionais; presença de alunos estrangeiros. Enfim, existem dezenas de pontos a serem considerados, mas nos atentemos ao mais importante de todos: Quão cool são os veteranos?

Para deixar o texto melhor ilustrado ainda, façamos uma nova suposição: passei direto do terceiro na POLI-USP e na Unicamp, qual escolher? Após fazer uma matriz de decisão e calcular seu determinante, obviamente deu POLI, q.e.d. Mas a

famigerada pergunta estava ausente dessa matriz, afinal, bixo é burro e não faz as coisas direito. Com essa pergunta, com certeza dará Unicamp como resposta. Aqui os veteranos não são cools, não tentam integrar os bixos através de festas, recepções e competições um tanto quanto diferentes. Aqui não tem paternalismo por parte dos veteranos (muito menos por parte dos professores). Você jamais vai conseguir um bom caderno pra xerocar, um amigo inteligente pra te ensinar umas integrais ou mexer na hp, uma casa perto pra dormir depois de uma festa, caso você more longe. Na poli você jamais irá formar amizades para a vida inteira. Esqueça aquele amigo que sofreu anos contigo e agora irá te indicar na empresa ou quem sabe virar seu sócio, isso não existe.

Bom, como bixo é burro (e muito veterano também, obviamente) vou deixar claro que fui irônico no parágrafo anterior. E que a seleção natural se encarrega de criar veteranos cool. Bixo sem potencial pede pra sair antes da matrícula e deixa veterano muito feliz



GROUP A		GROUP B		GROUP C		GROUP D	
Team	Nabos	Team	Nabos	Team	Nabos	Team	Nabos
Numérico	0	Mec-A	0	Física III	0	Cálculo III	0
Eletrônica	0	Geomática/PTR	0	Cálculo I	0	Química Inorgânica	0
Mec-Flu	0	FT	0	Estatística	0	PCC	0
Intr. a Engenharia	0	Circuitos Elétricos	0	Algelin I	0	Termodinâmica	0

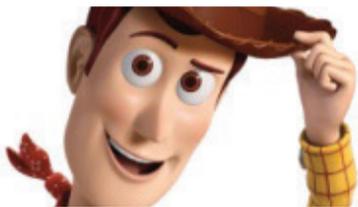
GROUP E		GROUP F		GROUP G		GROUP H	
Team	Nabos	Team	Nabos	Team	Nabos	Team	Nabos
R1	0	R2	0	Eletromag	0	Ciência dos Materiais	0
Direito	0	PMR	0	PQI	0	Mec-Sólidos	0
Eng. de Tráfego	0	Física I	0	MAC	0	Contabilidade	0
Adm	0	Intr. a Economia	0	Mec-B	0	Geologia	0

Diego Andriolo

*Engenharia de Minas - 4º ano
Correspondente da Hungria*

Horoscopolí

Edição: Toy Story



WOODY (Áries):

Se você é regido pelo signo do brinquedo preferido do Andy, se prepare para enfrentar uma semana agitada, afinal, deve-se honrar o título de líder dos brinquedos. Assim como no filme, os arianos estarão sujeitos a algumas crises de ciúmes e uma pitada de mau humor, como bem diz nosso amigo Buzz Lightyear, você pode ser descrito como “um homem triste e estranho”. Mas tudo vai passar e a quiroga desse jornal acredita que isso é apenas um efeito colateral da semana de P2. Espere pelo Bixopp e seja feliz!



BUZZ LIGHTYEAR (Touro):

O alinhamento dos nódulos da Aliança Intergaláctica colocam os taurinos sob influência do patrulheiro da Aliança Lightyear mais famoso da Pixar (tá bom, é o único). O que surpreende nossa equipe é que até mesmo você, um guerreiro altamente qualificado, conhecido por sua bravura e coragem, precisará de muita força de vontade pra enfrentar o final de semestre e um estoque de engov para aguentar todas as festas das próximas semanas. “Ao infinito e além”, essa é a pegada do biênio.



M R. POTATO HEAD (Gêmeos):

Já sabemos que você é do tipo que pode organizar motins e greves com os outros brinquedos (traíagem com o Woody no filme, sabedores saberão), então já vamos avisando, vai ter copa sim e é sacangem demais trancaço no P1. Fora isso, os astros não revelam nada de interessante, você estará rabugento, sarcástico e na tentativa sem sucesso de ser engraçado. Essa não costuma ser a receita do sucesso para fazer amigos, cuidado!



REX (Câncer):

E os cancerianos são regidos pelo brinquedo mais engraçado da trama! Afinal, nada mais inusitado do que um Tiranossauro com complexo de inferioridade, atrapalhado, com medo de não ser assustador o suficiente e com esses dois bracinhos minúsculos. Realmente, a Pixar caprichou nessa personagem!! Mas você não é inteiramente caricato, sua lealdade aos amigos é marcante, assim como espírito de superação. Quero ver encarar a primeira semana de recs...



SLINKY (Leão):

SLINKY (Leão):

Eis que os leoninos ganham como signo da quinzena um cachorro com corpo de mola (você estudarão isso em física II, tão tão legal #sqn). Os regidos por esse brinquedo são muito fiéis aos amigos e, aqui na Poli, amizade verdadeira é quando você compartilha cadernos, listas e testes on-line (incluindo não dedurar o grupo do PMT, viu?). Se existe uma faculdade que ensina que a união faz a força, é essa, afinal, o que seria de nós sem o amigo que assina para gente?



PORQUINHO (Virgem):

Assim como o porquinho do Toy Story, os virginianos estarão completamente tranquilos e despreocupados, não precisa ser nenhum profeta para garantir que um ano extra de Poli tá no bolso. Travar cálculo I é a meta do semestre! Dado isso, é muita ousadia da parte de vocês esse comportamento de se irritar com comentários infelizes ou situações óbvias, completamente deslegante. Assim nenhum amigo vai te ajudar nos próximos nove anos de Poli!



BETTY (Libra):

Continuando nossas previsões da temporada, chegamos nos librianos, regidos pela donzela de todas as brincadeiras de Andy! A equipe do jornal vai interromper essa previsão para trocar figurinhas (quem quiser trocar, só aparecer aqui no grêmio, viu?). Mas vai dar tudo certo na sua vida, jogamos os búzios aqui e tá check.



SARGENTO (Escorpião):

É claro que esse signo é o comandante do exército de soldados de plásticos, quem conhece alguém desse signo sabe que tudo pode acabar em sangue. A sua política de “não deixar ninguém para trás” vai ajudar muito os amigos que dependem daquela uma horinha antes da prova na qual eles absorvem todo o conhecimento por osmose. Quem nunca fez isso que atire a primeira pedra! A estratégia militar é uma ótima forma, porém pouco saudável ou sociável, de se levar a Poli. Mas quem quer fazer amigos, né? Formatura em cinco anos, é nois!



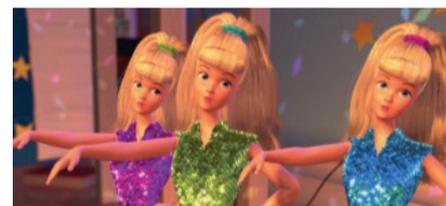
MRS. POTATO HEAD (Sagitário):

Só o fato da Mrs. Potato Head adotar os três brinquedinhos alienígenas faz com que seja um dos melhores do zodíaco! A quinzena estará com muitas tarefas e, mesmo assim, você será dócil e amável como todos. Aproveitando esse espírito, lembre o seus amigos de doar brinquedos e livros, em bom estado, na compra dos convites do Bixopp, todos serão doados para instituições de apoio a crianças carentes! Vamos ajudar e aproveitar a festa!!!



ALIENS (Capricórnio):

Ahhh eles são demais!!! É assim que vocês, bixos, estão se sentindo aqui na Poli, né? Meio aliens, meio achando que é a filial do inferno, não entendendo direito o propósito desse sofrimento da semana de provas e procurando alguém para te adotar e dizer vai ficar tudo bem. Sinto em dizer, mas não vai... Busque os outros amigos brinquedos, pegue uma garrafa de balalaika e seja feliz! Algein faz mais sentido quando se está ébrio...



BARBIE (Aquário):

I'm a Barbie girl, in a Barbie world, life in plastic its fantastic! You can brush my hair, undress me everywhereeeee, imagination life is your creation! Come on Barbie, let's go party! I'm a blond bimbo girl in a fantasy world, dress me up, make me tight, I'm your Darling! You're my doll, rock'n'roll, feel the glamour and Pink, kiss me here, touch me there, hanky panky! You can touch, you can play, if you say: "I'm always yours".



JESSIE (Peixes):

Ela é o par do Buzz Lightyear, brilhou demais!!! Apesar de sua personalidade alto astral, carismática e um pouco hiperativa, pode passar por momentos um pouco depressivos, eis que fica a dúvida: serão as notas? Será o desespero pós P2? Ou será coisa dos astros mesmo? Na dúvida, passe na Minerva, compre sua casquinha por apenas dois reais e pronto, tá tudo solucionado! Nada é tão grave que um sorvete não possa curar!

Grêmio Politécnico e Bixos 2014 apresentam:

BIXOPOP 2014

13/06
21:00



NA COMPRA DO SEU INGRESSO,
TRAGA BRINQUEDOS,
DVDs E LIVROS INFANTIS
PARA SEREM DOADOS E
FAZER UMA CRIANÇA FELIZ!



1º Lote (26/05)

Entrada: R\$10,00

Caneca: R\$35,00

(Open Chopp + Entrada + Talabarte)

Vendas no Grêmio Politécnico

Local

Velódromo da USP

Av. Prof. Mello de Moraes,

601, portão 14

Chopp Brahma

Cerveja Skol

Amnésia

Vodka + Energético

El Jimador

E Mais...



SKOL
FACULV!

